

CORPOREIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA APAE – GUANAMBI

Caroline Souza Marques
Universidade do Estado da Bahia

Hermesson Lucas Ramos Cardoso
Universidade do Estado da Bahia

Michelle Dourado Silva
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: O presente artigo trata-se do relato de experiência vivida durante o Estágio em Espaços Não-Formais realizado entre o final do ano de 2019 e início de 2020 na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) situada no município de Guanambi-Bahia. Iniciou-se com a observação, posteriormente construção de um projeto de intervenção que atendesse as necessidades dos estudante e em seguida à concretização do projeto de intervenção. Nesse período, foi idealizado e construído uma Brinquedoteca para o local, um espaço pensado para atender os estudantes da Associação, com intuito de contribuir para o desenvolvimento sociocultural e psicomotor. Utilizou-se como aporte teórico os escritos de Gonçalves (1997), Freire (1991) entre outros. A abordagem metodológica é qualitativa e os instrumentos foram observação Lakatos (2003) com duração de 20 horas, seguido de 40 horas de intervenção. Foram utilizadas atividades com o propósito lúdico, exibição de filmes, rodas de conversa, atividades artísticas, e outros recursos. Os resultados foram significativos, pois os estudantes demonstraram melhorias na interação social, na autonomia e no desenvolvimento do seu processo de acordo com as suas potencialidades.

Palavras-chave: APAE. Deficiência intelectual. Estágio.

“Veio fazer o que aqui?” Ou conversas iniciais

Uma explicação inicial, é que os títulos das partes que compõe este relato de experiência, buscam estabelecer uma analogia dos diálogos entre os estagiários e os sujeitos os quais se relacionam em suas singularidades constituindo os sujeitos e mediando as ações.

A Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) se localiza na Rua General Osório, nº 79, Centro, no município de Guanambi-Bahia. Foi fundada no dia 1 de outubro de 1987 e tem como objetivos: acompanhar a pessoa com deficiência, em todo seu ciclo de vida, nas mais diversas especialidades, desde a prevenção a reabilitação, com atenção especializada; apoio intensivo e atendimento educacional especializado ao estudante com deficiência intelectual e múltipla incluído na escola comum nas séries iniciais do Ensino Fundamental; estabelecer alianças estratégicas com vários setores e segmentos sociais para melhoria da qualidade de vida e inclusão da pessoa com deficiência; defender e garantir os

direitos dos mesmos nas mais diferentes instâncias, visando suas necessidades de desenvolvimento, saúde e bem-estar, combate a violência e a exploração; habilitar profissionais em vários ofícios, voltadas a aptidões dos aprendizes a fim de desenvolver suas atividades sociais; desenvolver a autogestão, autodefensoria e convivência em família da pessoa com deficiência intelectual.

A APAE - Guanambi busca, há 33 anos, promover o bem-estar das pessoas com deficiência física, intelectual e social. Trabalha com duas turmas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo a AEE I atendendo crianças dos 02 aos 07 anos e a AEE II que atende crianças e adolescentes dos 08 aos 15 anos. Em ambas as turmas, os sujeitos atendidos frequentam a escola regular durante a manhã e a APAE no período da tarde, onde realizam atividades de acordo com suas especificidades. A associação também oferta cursos de profissionalização para os indivíduos que estão na faixa etária entre os 16 e 40 anos. A quarta turma é a do Centro de Convivência que atende sujeitos a partir dos 16 anos que têm dificuldade na realização de tarefas funcionais básicas como se vestir, comer, tomar banho, escovar os dentes e etc.

Ao todo, na APAE – Guanambi tem matriculada 143 pessoas. Sendo 94 homens e 49 mulheres. A instituição é mantida através de caridade, parte vinda dos moradores locais, associados, e somente a alimentação é ofertada pela prefeitura do município de Guanambi. Em boa parte, os atendidos são de perfil socioeconômico de baixa renda, de forma que muitos ali dependem do auxílio fornecido pelo Estado para atender suas necessidades básicas como comida, roupas e produtos de higiene pessoal.

A instituição conta com uma biblioteca, salas de aula, sala de atendimento especializado, piscina e a cozinha experimental, além dos espaços ocupados pelos funcionários como as salas de coordenação, direção e cozinha. Oferta cursos de dança e o coral, além de peças de teatro coordenadas por professores e voluntários de forma coletiva. Conta também com atendimento de psicólogo e fisioterapeuta que atendem no período oposto e no período da aula, algumas vezes por semana. Os professores são tanto do município quanto do estado e os cargos de coordenação e direção são escolhidos através dos votos dos contribuintes, funcionários e pais dos associados.

Mediante essas colocações e a partir dos conhecimentos/estudos dirigidos através do componente curricular: Pesquisa e Estágio I: Estágio em Espaços Não-Formais, e inseridos em um processo de formação, isto é, graduandas/os em Pedagogia, compreendemos a importância de realizarmos ações refletidas e comprometidas com o público o qual escolhemos, sendo o estágio uma possibilidade de construção e reconstrução de práticas e

saberes necessários. Portanto, o estágio é uma atividade permanente de investigação, de conhecimento e exploração da realidade.

Destacamos que, tendo em vista o processo de inclusão, o papel do educador profissional, o pedagogo, enquanto um dos gestores da escola é o de favorecer e coordenar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que interfiram tanto na docência, quanto na promoção de medidas de acessibilidade, facilitando a participação democrática e o desenvolvimento de uma educação de qualidade.

Assim, o presente escrito tem como objetivo principal apontar, através de relatos, as experiências vivenciadas no estágio com o público-alvo assistente na APAE-Guanambi, tendo foco na interação social tanto entre os próprios sujeitos, como para com os colaboradores da instituição e os estagiários.

“Tá falando de que?” Ou referencial teórico

Estimular o processo de consciência corporal é necessário tanto para cuidados fisiológicos quanto psicológicos, isto é, a sensibilidade, percepção e imaginação. Para tanto, desenvolvemos, a partir dos momentos de observação, um projeto de intervenção tendo como temática: **CORPOREIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL** e como subtemáticas: **Consciência corporal; Movimentação; Senso rítmico; Criatividade; Imaginação; Socialização e Afetividade**. Isto porque, compreendemos a necessidade de apresentar a importância de ser trabalhado o corpo independentemente de suas especificidades.

Conhecer a corporeidade é entender o corpo como sujeito existencial complexo, que vive sempre no sentido de autossuperação. Nesse sentido pensar um corpo sujeito existencial que se movimenta para garantir a vida, entendida essa tanto no sentido individual como coletivo. Assim, a corporeidade enquanto preocupação do processo educativo destina-se a compreender o fenômeno humano, pois suas atenções estão voltadas ao ser humano, ao sentido de sua existência, à sua história e à sua cultura, “podemos falar em uma linguagem corporal que revela, por meio da exterioridade, a nossa interioridade: nossos pensamentos e sentimentos ligados à situação do momento, mas trazendo consigo toda nossa história pessoal” (GONÇALVES, 1997, p.103) sendo o corpo a matriz de muitos significados, é um portador de identidades que reúne possibilidades, bem como é capaz de revelar a poética dos movimentos espontâneos no qual é um modo de exteriorizar sensações e pensamentos permitindo a criação da expressividade e criatividade.

Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, publicado no ano de 1970, contribui significativamente para as práticas educativas, este tem como cerne de suas obras o reconhecimento que o estudo e a transformação de uma realidade opressiva e de exploração só podem ser realizados pelos objetos (tornados sujeitos) da opressão. Nas práticas educativas em saúde onde por muito tempo os sujeitos foram objetos de prescrições, o estágio supervisionado tem a ação contributiva importante na medida em que dá visibilidade à voz dos sujeitos, tornando-os ativos em seu processo de aprendizagem.

Nas práticas educativas deve-se privilegiar uma metodologia participativa que garanta espaço para a fala/participação de todos, reconhecendo que cada sujeito traz consigo saberes e vivências as quais devem ser consideradas ponto de partida para a construção de um novo conhecimento. Para tanto, a autonomia “lhe dá a força ingênita que a faz instauradora do mundo da consciência, criadora da cultura” (FREIRE, 1991, p.13) um fator importantíssimo que se dispõe como capacidade em que o sujeito tem de desenvolver uma relação tal com o outro que as coisas e os demais não se oferecem como determinadores do que somos e fazemos, mas como um campo no qual o que somos e fazemos pode ter a possibilidade através das capacidades a partir de si mesmo, assim, a apropriação do próprio corpo como uma busca de autonomia, um direito para a cidadania.

Afinal, a educação inclusiva anseia incessantemente proporcionar a autonomia de ser e de saber da/o educanda/o, valorizando e respeitando o conhecimento já adquirido, sua singularidade e expressões/linguagem corporal, uma vez que o estudante é um sujeito social em construção.

“Vai fazer o que hoje?” Ou metodologia

Baseamos no processo de desenvolvimento do sujeito por meio da interação social com observações e ações realizadas em equipe com o grupo de estágio. A metodologia utilizada nas atividades teve propósito lúdico, utilizando atividades artísticas, filmes, rodas de conversa e outros recursos. Dentro das atividades propostas foram trabalhados alguns temas transversais, abordando o cuidado intrapessoal, convivência social, temas culturais, cuidados com a saúde, além de atividades de vida diária.

Destacamos novamente que, a escolha da temática emerge dos momentos de observação após compreendermos a necessidade de apresentar a importância de ser trabalhado o corpo independentemente de suas especificidades. Introduz-se a consciência

corporal, o sentir, o saber, como elementos fundamentais, partindo-se da vivência cotidiana dos sujeitos para a compreensão das realidades.

Do mesmo modo, lembramos que estas condições/ações/subtemáticas mencionadas devem ser adaptadas à realidade disponível e de acordo as necessidades e especificidades dos sujeitos.

Em um primeiro momento, foi adotada a observação participante como forma de identificar a vivência desses sujeitos, a situação que o meio se encontrava, de forma que pudéssemos pensar acerca das atividades que ali poderiam vir a ser desenvolvidas. Para Lakatos e Marconi (2003, p. 193) “[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. Ainda continua:

[...] o observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado. O objetivo inicial seria ganhar a confiança do grupo, fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão. (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 193).

Além disso, a forma que a experiência foi vista e relatada também se altera, visto que, ainda para Lakatos (2003), a observação em grupo permite que mais de um ângulo da mesma situação seja visto e discutido entre os participantes. Foi comum que os participantes tivessem diferentes olhares acerca da mesma situação, de forma que, pudemos conversar e compartilhar ideias não somente sobre o que havia acontecido, mas também sobre a forma que deveríamos trabalhar na segunda parte do estágio.

***“Aqui todo mundo é doido”* Ou análises e experiências**

As observações iniciaram-se no dia 25 de novembro de 2019. Reunimo-nos durante a tarde, horário em que nos foi permitido para o acompanhamento. Inicialmente, a equipe resolveu acompanhar por salas, mas depois de alguns dias começou-se um acompanhamento coletivo. A etapa de observação foi realizada já no final do ano letivo, o que fez com que acompanhássemos os preparativos tanto para a despedida dos alunos, quanto para as festas de final de ano. Duas atividades foram realizadas pelos professores enquanto estávamos lá: a montagem de árvores de natal utilizando o papel EVA e que seriam distribuídas para os

alunos e o ensaio de uma peça de natal que contava a história do nascimento de Jesus Cristo, principal símbolo da religião cristã.

As aulas da APAE, no município de Guanambi, têm início às 14h. Das 15h30min até às 16h quando acontece a refeição, feita no refeitório, um espaço coletivo onde todos socializam e às 17h encerram-se as aulas. O momento de observação dos sujeitos em seu meio é sempre muito impactante, novo, revelador e se mostra diferente das expectativas e anseios da equipe.

Ao iniciarmos a observação, notamos olhares curiosos e desconfiados vindos dos sujeitos observados, que passam a ser observadores neste momento. Os cochichos aos ouvidos revelam a curiosidade deles em logo nos conhecer e saber o que fomos fazer lá. Mesmo com esse desconforto da presença dos estagiários, por parte deles, percebemos que esta não atrapalhou as atividades comumente realizadas. Em todos os momentos os estudantes demonstram suas percepções de mundo e como estão antenados com as notícias e acontecimentos não só local.

A educação é consideravelmente uma prática social, sendo que as comunicações, através da fala ou do uso de códigos de escritas são artifícios para aprimorar as relações dos sujeitos com o meio e entre eles mesmos. Neste sentido, destacamos que a maioria dos frequentadores da APAE não sabem ler e escrever, mas apresentam a fala bastante desenvolvida. As ações dos professores, nesse caso, devem ser pautadas por um ensino diferenciado que possibilitem a melhora de seu desempenho e contemple suas habilidades para aprendizagem. Segundo Cavalcante (2005), a inclusão tem crescido a cada ano e o desafio de garantir uma educação para todos também. Em espaço inclusivo os sujeitos aprendem a conviver com as diferenças e se tornam pessoas solidárias. Para que isso seja uma realidade a participação do professor é fundamental.

Característica também percebida através da observação é o fato de gostarem de colocar apelidos entre eles e de chamarem a atenção a comportamentos dos colegas, como foi ouvido nas seguintes falas: “É da APAE mesmo, é atrapalhado” e “Aqui todo mundo é doido”. Em uma dessas falas a professora chamou-lhes a atenção para a fala e em como era errado o modo que falavam, que a associação é um local de aprendizado e que todos tinham suas dificuldades a serem superadas. Um questionamento levantado posteriormente ao observado nos levou a crer o que eles falam seja a reprodução/repetição daquilo que sempre ouviram em suas vidas.

Na decorrência do período de estágio buscamos ficar atentos ao comportamento socioafetivo de cada indivíduo dentro da APAE, pois eles reagem de maneira diferente

emocionalmente a cada atividade proposta. Estas reações referem-se de acordo à autoestima do sujeito, e essa autoestima influencia na participação e no envolvimento de todas as oficinas e dinâmicas que realizamos. Ao propormos que cada sujeito tivesse um autoconceito satisfatório, buscamos fazê-lo se sentir pertencente ao grupo, não apenas fazendo parte dele. E através das dinâmicas de afetividade destacamos a relevância de serem valorizados e reconhecidos pelos colegas, professores e por si próprio como sendo um sujeito integrante do grupo, aceitando as regras, assim como o grupo precisa aceitar as limitações de cada colega e do conjunto.

Para tratar desse assunto, entendemos que brincar é criar, tomar iniciativas, é aprender regras e limites para que o jogo funcione. Através dos jogos realizados, nossa intencionalidade foi que o sujeito ganhasse mais confiança e melhorasse a autoestima desenvolvendo a concentração, a coordenação, habilidades motoras sentindo-se capaz de descobrir valores. Onde tentamos trabalhar a convivência sem brigas e gritarias, comportamentos que destacamos com frequência durante a convivência dos indivíduos dentro da APAE.

Os jogos propostos não foram organizados de maneira rigorosa, mas como uma proposta que pudesse ser alterada conforme a necessidade do grupo, levando sempre em consideração a criatividade, habilidade e a sociabilidade dos envolvidos. Durante todo tempo, foi fundamental que os participantes falassem como se sentiam durante as atividades, principalmente naquelas em que são simuladas autopercepção, pois sabemos que estas podem se constituir em experiências muito enriquecedoras e marcantes para a pessoa. Compartilhar esses sentimentos com os demais é sempre muito frutífero para todos. Estes momentos resultam na oportunidade para o sujeito conhecer suas possibilidades e seus limites, favorecendo a confraternização entre eles.

O sujeito com deficiência pode participar do sistema de educação e da própria sociedade sem ser excluído. Não é apenas um dever para com aqueles que são portadores de deficiência, mas sim um direito de todos.

A inclusão do deficiente não deve ser feita apenas pelas pessoas que lutam por espaços como a APAE, o acompanhamento familiar também é indispensável para essa causa. Não devemos ver estes sujeitos com preconceitos, discriminação ou um grande problema sem solução. Hoje as coisas mudaram, os tempos, conceitos e paradigmas, vemos com outros olhos e com outros pensamentos, ou seja, todos têm o mesmo direito de viver bem. E partindo disso, nosso grupo de estágio pensou em dois momentos para trabalhar essas questões com a família dos deficientes. Na primeira atividade convidamos a Coordenadora da Educação

Especial do município de Guanambi, Aldair Castro Costa Simões para ministrar uma palestra “A cidadania dos Deficientes: Direitos, Necessidades e Realizações” que com uma linguagem totalmente acessível explicou para os pais e familiares dos indivíduos da APAE sobre o amparo que a lei oferece aos deficientes e como reivindicar esses direitos caso estejam sendo violados. Aldair tratou sobre a garantia de acesso à educação e permanência na escola dos alunos portadores de necessidades especiais, ressaltando que esse é um direito que vem sendo conquistado ao longo dos anos e está, hoje, previsto em lei, e que trata-se de respeitar um direito de todos, de completar a constante busca pelo respeito aos direitos humanos para todos os cidadãos, qualquer que sejam suas peculiaridades.

Durante essa palestra e todo período de observação no espaço, notamos que parte dos familiares envolvidos e atuantes na vida do sujeito com deficiência são as mães e por isso propomos um segundo momento mais informal no qual decidimos não só orientá-las em alguns aspectos, mas ouvir suas angústias e inseguranças enfrentadas no cotidiano, assim oferecemos um chá da tarde para falarmos sobre “*O protagonismo e os desafios das mulheres mães de pessoas com deficiência*” conduzido pela professora Sirlene Prates Costa Teixeira, que é psicopedagoga e que de maneira leve e emocionante possibilitou um momento de conforto para que as mulheres presentes se sentissem seguras para falar de questões íntimas e pessoais que reforçaram para os presentes a luta que é educar um filho com deficiência. No decorrer da conversa, estimularam as mães para que elas se envolvam mais no dia a dia dos filhos contemplando mais o que eles conseguem fazer do que as coisas em que são limitados, fortalecendo a autoestima e confiança do sujeito que são necessários para fortalecer o trabalho da instituição que em conjunto com os pais e a comunidade ganharão cada vez mais força e espaço.

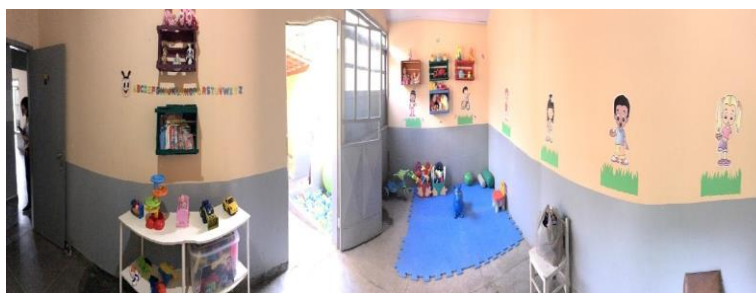
Outra importante observação, é que durante a realização do estágio na APAE, sentimos falta de um lugar como uma Brinquedoteca. Entendemos que em um espaço como o que estávamos inseridos seria importante existir uma mediação como forma de incentivar e dar um apoio pedagógico para a aprendizagem dos sujeitos que precisavam de um ambiente lúdico onde pudessem desenvolver tal processo, utilizando os brinquedos, jogos e brincadeiras para dar suporte ao aprimoramento na leitura e na escrita, bem como proporcionar aos indivíduos a construir sua própria identidade e o conhecimento do seu papel na sociedade, além disso, proporcionar um ambiente lúdico ampliando as possibilidades de aprendizagem, de interação, de desenvolvimento da linguagem.

Kishimoto (2011) enfatiza que o espaço lúdico permite criar e recrear, na tentativa de entender as relações entre os alunos sendo interativa entre diversas culturas, onde o brincar se torna importante para a criatividade dos alunos.

Como dito anteriormente, a instituição possui poucos recursos e por isso propomos uma ação social local por meio da qual, em breve período arrecadamos brinquedos, jogos educativos, livros infantis novos e usados, para montar a Brinquedoteca da APAE. A instituição dispôs de uma sala no piso superior onde decoramos com adesivos temáticos de acessibilidade, caixotes coloridos para arrumar os brinquedos e dezenas de livros infanto juvenis além de um tatame interativo com letras, números, cores e frutas.

Ao entregarmos a Brinquedoteca para a instituição, nossa intenção foi possibilitar os sujeitos trabalhar elementos como a sua identidade, seus comportamentos, valores morais, sociais e éticos, bem como a real importância do seu ser na sociedade, participando direto na construção de sua personalidade. Esse ambiente lúdico dentro da APAE contribui para a sua formação enquanto indivíduo social, dinâmico e um sujeito criativo. A inauguração foi realizada no último dia de estágio onde cada turma ia, juntamente com seus responsáveis, ao encontro da equipe de estagiários dentro da brinquedoteca para que lhes fossem apresentado um novo lugar de inúmeras possibilidades, como apresenta as fotografias abaixo. Nesse momento, a alegria dos sujeitos e a gratidão transmitida nos diversos olhares e sorrisos compensaram todo o trabalho do estágio.

Figura 1: Brinquedoteca APAE



Fonte: Hermesson Cardoso (2019)

Figura 2: Tapete de jogos e brinquedos



Fonte: Hermesson Cardoso (2019)

A inclusão proposta nas escolas deveria se basear principalmente na aceitação das diferenças individuais como uma atribuição e não como um problema para a valorização da diversidade humana pela sua importância para o enriquecimento de todas as pessoas, o direito de pertencer e de não ficar de fora, a equidade de valor das minorias em comparação com a maioria. A inclusão propõe um único sistema educacional de qualidade para todos os alunos com ou sem deficiência e com ou sem outros tipos de condição atípica.

Ao analisarmos os serviços oferecidos pela APAE de Guanambi, observamos que o serviço educacional busca perspectivas para melhor atender o indivíduo, mesmo tendo evidente que essa prática está distante do apropriado, ou seja, ainda não é o suficiente para atender as reais necessidades dos sujeitos. Inicialmente seria necessário repensar a condição estrutural da instituição e a formação dos professores que atuam no espaço.

Há poucas pessoas especializadas em lidar com alunos de educação especial, porém elas fazem parte de uma minoria e muitas vezes são sobrecarregadas com várias demandas impossibilitando de dar a devida atenção aos alunos de educação especial e todas as suas necessidades. Pudemos ver que na maioria dos casos os alunos não suprem as necessidades desejadas porque os professores não desenvolvem projetos abrangentes que envolvam todos os alunos. Os professores não são especializados e mesmo assim são responsáveis por esses indivíduos, mesmo sem preparo para lidar com eles, por isso na maioria das vezes esses sujeitos ficam isolados na sala, fazendo atividades diferentes da que é proposta.

Depois da família a escola é o espaço fundamental para o processo de socialização do sujeito. No caso específico da Educação é necessária que os profissionais envolvidos tragam contribuições para modificar o contexto social no qual as pessoas com deficiência vivem.

“Quando vocês vão voltar?” Ou considerações finais

Durante todo o período de estágio, acreditamos que o grande desafio, não somente nossos, estudantes do curso de Pedagogia, mas dos profissionais que trabalham na educação especial é de articular o que propomos com o que o sujeito já construiu, e com a maneira que ele vai aprender. Para que isso ocorra de maneira efetiva é necessário o entendimento que nenhum ser humano é uma folha em branco e que o conhecimento é construído a partir das interações entre os sujeitos e dos sujeitos com o meio, assim como, a de que ninguém aprende da mesma maneira ou no mesmo ritmo. O conhecimento é um processo e um processo tem erros e acertos, e deve ser entendido de tal maneira para que se construa uma educação mais humanitária.

Este projeto propôs pensar em uma educação para todos, principalmente no que se refere aos alunos que apresentam necessidades especiais, permanentes ou não. Dando oportunidades ao aluno, com necessidades educativas especiais, neste caso, de conhecer suas possibilidades e vencer seus limites, facilitando a sua participação nos jogos e dinâmicas realizadas no estágio, promovendo o que era o objetivo do projeto: a interação.

É importante ressaltar que por conta do tempo, tivemos algumas dificuldades ao executar o projeto, visto que, por falta de materiais tínhamos que correr contra o tempo entre nossos empregos usuais, aulas e o período que devíamos estar no estágio fisicamente para procurar por eles. Porém, muitos dos dias durante a execução do projeto foram extremamente satisfatórios, do ponto de vista pessoal e acadêmico, não só atendendo as nossas expectativas, mas dando-nos a sensação que marcamos a vida de alguém.

Ao pensarmos nessa temática vimos como um agravante que o espaço em que estávamos inseridos juntamente com os educadores, estavam convictos do conceito do dualismo cartesiano, cisão entre corpo e mente. Contudo a partir da leitura dos autores estudados, estes apontam, há muito tempo, caminhos e descaminhos presentes na educação, na tentativa de superar este modelo ainda presente na sociedade contemporânea. O ato motor considerado e a corporeidade valorizada no fazer pedagógico atribuídos no planejamento do estágio teve como estratégia no processo de inclusão, a socialização e difusão de cultura, especialmente para diminuir as dificuldades relacionadas ao processo de aprendizagem, minimizando deficiências e carências presentes no próprio sistema de educação local.

A gestualidade e os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas propostas nos currículos e viabilizados por diferentes disciplinas, visto que a educação especial está diretamente ligada a busca incessante de proporcionar a autonomia de ser e de saber de cada indivíduo valorizando e respeitando o seu autoconhecimento, sua individualidade e linguagem corporal, pois cada sujeito, seja este professor ou aluno, ainda é um ser social em constante construção.

Referências

APAE DE GUANAMBI- Disponível em:< <http://guanambi.apaeba.org.br/>> Acesso em: 18.mar.2020.

CAVALCANTE, Meire. A escola que é de todas as crianças. **Nova Escola**, Vol. 20, nº 182, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 218 p. (Coleção o mundo, hoje ; 21)

GONÇALVES, Maria Augustin Salin. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. 2. ed. - Campinas: Papirus, [1997] 195 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 14ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação?** Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200015> Acesso em: 19.mar.2020.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Hermesson Lucas Ramos Cardoso

Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Departamento de Educação Campus XII - Guanambi. E-mail: hermesson.lramos@gmail.com

Caroline Souza Marques

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Departamento de Educação Campus XII - Guanambi. E-mail: calmarquesgnr@gmail.com

Michelle Dourado Silva

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação Campus XII - Guanambi. Membro do Diretório Acadêmico de Pedagogia "Nossas Vozes, Nossa Luta". Integrante do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/UNEB). Email: michelledourados@outlook.com